



Nuno Costa Santos

## Crónicas do Corpo Santo

# A Identidade e a Estante

Organizar os livros na estante é uma forma de organizar a vida. Acontece-me aqui, nesta casa do Corpo Santo, diante do religioso Império da Caridade e do mundano Café Açor (será o contrário?). Não arrumo os livros apenas por géneros literários. Também tenho outros critérios. Um deles é a de privilegiar a secção dos livros de amigos, onde estão, entre outros, o Luís, o Henrique, a Maria, o Diogo, a Clara e o João Pedro. E outros. Também lá está o Alfice. Nunca o conheci mas tornámo-nos amigos quando li os livros dele e sobre estes escrevi. Amizade, para mim, também é isso. Podia lá colocar os livros de Fernando Assis Pacheco, Ruy Belo, Jorge Listopad, Raymond Carver, Enrique Vila-Matas. E mais. Talvez o faça um dia. Já agora, nomeio, sem vergonha (ou talvez com alguma), uma zona: a dos livros que tenho de devolver. Prometo não transformar o empréstimo em gamanço.

Há um outro território, importantíssimo, aqui na estante: a dos autores açorianos e a dos livros sobre os Açores ou relacionados com os Açores. Se os quero apartar e isolar? Não. Ou, se calhar, sim. Quero reservar-lhes um espaço individual. Nem sequer é algo muito calculado. Intuo outro arquipélago ali. Um arquipélago feito de uma geografia cultural, intelectual, emocional, de que faço parte, de onde venho, de onde parto e regresso, naquele repetido movimento insular de tantos. Olho para alguns livros dessa família. Moram juntos um livro de Madalena Férin, vários de Dias de Melo e João de Melo, de Vamberto Freitas e Onésimo, de Ivo Machado e Pedro da Silveira. De Eduardo Bettencourt Pinto e Cristóvão de Aguiar. De Norberto Ávila e Daniel de Sá. Vem de família, o gesto. O meu avô paterno tinha a coleção Gaivota, relevante para a minha formação de leitor e de escriba, numa estante da cave. O meu pai também tem agrupados os autores açorianos e as obras sobre diferentes aspectos e tempos da vida açoriana. Fileiras ricas e diversas.

Estão igualmente encostados, como se fossem irmãos a posar para a fotografia, os livros “Caminhos do Mar – Antologia Poética Açoriano – Catarinense”, “Açores – Porto Alegre – contos gemina-

dos”, “Terra Nova”, do canadiano, descendente de açorianos, Anthony de Sá, “O Dia da Lã – Histórias e Vivências Corvinas (1875-1975)”. Fico por aqui porque me preocupo com o fôlego dos meus leitores.

Este gesto de ir agrupando os livros açorianos, onde quer que estivesse e onde quer que esteja, foi e é um modo de ir aprofundando o que sou e o que quis e quero ser. Vivendo em Lisboa, ao olhar para as gentes literárias da minha terra, sentia-me a ver o meu chão a partir de um miradouro distante. Essa vontade persiste no regresso. A identidade é uma construção permanente.

Tem-se falado bastante, no debate pré-eleitoral, dos números do retrato dos Açores feito a partir dos indicadores reunidos pela Pordata, base de dados estatísticos da Fundação Francisco Manuel dos Santos. Os números no que toca a vários aspectos, de pobreza, abandono escolar e participação política básica (o voto), são preocupantes e merecem a atenção dos governantes. E da comunidade – política, económica, social, educativa, cívica. Gostava apenas de chamar a atenção para o facto de ser necessário temperar esses números, verdadeiros, com outros condimentos. Não diminuam os primeiros mas trazem outras dimensões.

Em 2016, na sequência de ter lido uma notícia sobre o top Portugal City Brand Ranking 2016, elaborado pela Bloom Consulting, que considerou a Calheta o pior município para se viver em Portugal (entre 308), fui a São Jorge para ver com os meus olhos se isso era mesmo verdade.

Não me limitei a admirar a paisagem assustadoramente bela. Também falei com pessoas. Com Emanuel Fontes, jovem lavrador, apostado em produzir leite não em quantidade mas sim qualidade. (Não me esqueço do que me disse: “Gosto muito de viver aqui, na minha terra... Só o facto de me deitar à noite, olhar para o Pico, para o céu estrelado... E ter tudo destrancado: casa, carro...”). Com o empresário Márcio Avelar, de 28 anos, dedicado, com afínco e impacto, ao turismo de mar. Com Clímaco

Ferreira da Cunha, que, depois de muitos anos à frente dos destinos do Centro Comercial Progresso, se dedica hoje ao estudo das tradições e do património – histórico e de Natureza – da sua ilha.

Depois de ter ido ao Café Nunes, na Fajã dos Vimes, atrás do qual se fazia, na altura, o cultivo de 350 a 400 plantas, troquei umas palavras com José Gabriel Silva Matos, taxista. Perguntou, com ironia jorgense, se tinha achado a Calheta o pior sítio para se viver em Portugal. Disse que não com a cabeça. Rematou assim: “Da próxima vez que cá vier diga alguma coisa que vamos comer umas lapas”.

Vou, sim, acompanhando os temas e os argumentos da campanha. A situação económica da região, por motivos AP e DP (antes da pandemia e depois da pandemia), tem feito apagar alguns temas. Um deles é o da Universidade dos Açores e da necessidade de a dotar dos meios necessários a que cumpra o objectivo de proporcionar um ensino digno, que honre os desígnios dos seus fundadores. Outro é o da RTP Açores, pilar, como a universidade, da Autonomia. A televisão regional, que atravessa um período de sinais positivos sob o ponto de vista da programação, pelo bom uso das redes sociais e pelos consequentes números da audiência, que já ultrapassaram, em algumas situações, os números nacionais.

Descurada sob o ponto de vista estratégico ao longo destes anos, precisa de ter uma forma de financiamento autónomo, sancionado por todos os partidos representados na Assembleia Legislativa Regional. Só assim haverá a possibilidade de existir mais produção regional própria. Quem, entre realizadores, apresentadores, actores e técnicos (etc.), se dedica à produção audiovisual merece ter a possibilidade, financeira, de concretizar projectos que correspondam à exigência, cada vez maior, dos públicos. Os jovens açorianos, formados nas áreas do audiovisual, merecem ter uma oportunidade na televisão do arquipélago. Tudo isto só se consegue com investimento da Região. Volto a escrever o que já escrevi: entregar a RTP Açores a Lisboa é continuar a depender de um carimbo externo para comprar uma lâmpada. É isso que queremos?

## Artistas locais animam hoje a baixa de Ponta Delgada em Dia Mundial da Música

“Vamos Dar Música à Cidade” é o título da iniciativa promovida pela Câmara Municipal de Ponta Delgada que decorre hoje, 1 de Outubro, para assinalar o Dia Mundial da Música, envolvendo um total de 30 artistas.

Em 14 pontos “atípicos” do centro histórico serão promovidos 17 espectáculos, abrangendo 24 músicos e 6 artistas itinerantes, revelou ontem a autarquia.

Os primeiros concertos estão marcados para as 11h00, um na Torre Sineira, com Luís Senra, e outro na escadaria do Tribunal de Ponta Delgada, com Júlia Nunes.

Às 12h00, os concertos serão na escadaria da Câmara Municipal, também com Luís Senra, e na Rua Machado dos San-

tos, com Clayton.

Às 12h30, a Travessa do Arco, na Rua dos Mercadores, recebe Emanuel & Alexandra e às 13h00, na escadaria da Câmara, actuam Natália Ferraz & Ana Catarina Pinto.

Já às 13h00, no Largo Mártires da Pátria (Centro Municipal de Cultura), a música será com Art With The Flow (Andreia Sousa & Dj Matti).

A partir das 13h00, no canto da Rua Diário dos Açores com a Rua Marquês da Praia e Monforte, actuam Manuel Moniz e Marcos Ávila. À mesma hora, mas no Mercado da Graça, a performance estará a cargo de 80 db’s (Raúl Damásio & Mário Jorge Raposo).

Na escadaria do Auditório de Luís de



Camões a música chega às 14h00, com Jorge Veríssimo e Luís Ramos, e à mesma

hora, mas na Galeria Fonseca e Macedo, atua Júlia Nunes.

Entretanto, às 15h00, novamente na escadaria do Tribunal, Jorge Veríssimo e Luís Ramos vão dar música à cidade, sendo que à mesma hora, mas no canto da Praça Vasco da Gama com a Avenida Infante D. Henrique está programada a atuação de Dj El Loco.

Pelas 17h00, na Rua António José de Almeida, a música será como Maninho, enquanto às 19h00 o centro histórico recebe animação de rua com Os Turistas - Fungis Magic Truxis.

“Vamos Dar Música à Cidade” termina com a actuação dos Aspegiic, às 20h00, na Travessa do Aljube, e dos Stereo Mode às 21h30, na Matriz.